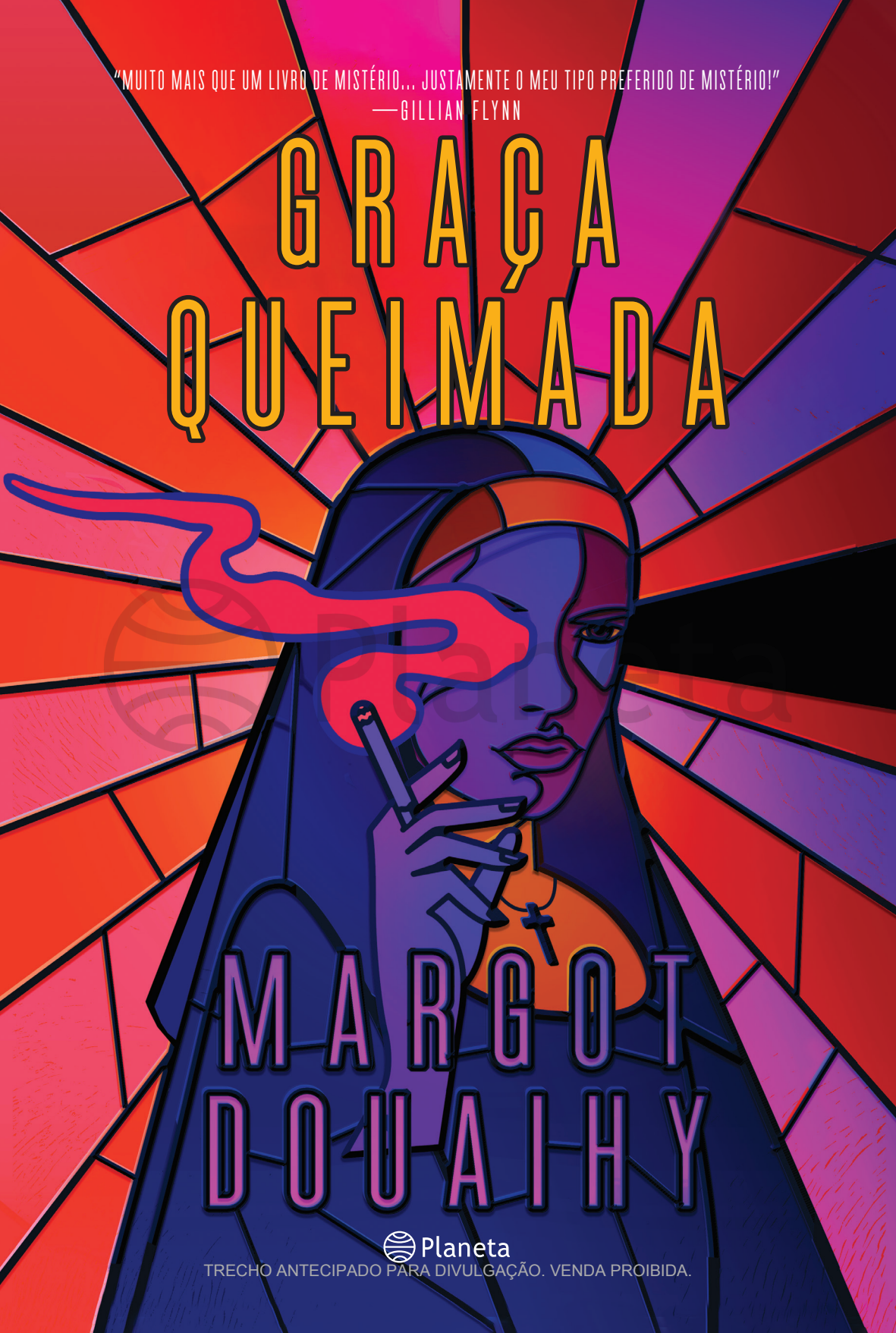


"MUITO MAIS QUE UM LIVRO DE MISTÉRIO... JUSTAMENTE O MEU TIPO PREFERIDO DE MISTÉRIO!"
—GILLIAN FLYNN

GRAÇA QUEIMADA



MARGOT
DOUAHY

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

GRAÇA QUEIMADA

MARGOT DOUAIHY

Tradução
Flávia Souto Maior



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Margot Douaihy, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Copyright da tradução © Flávia Souto Maior, 2024
Todos os direitos reservados.
Título original: *Scorched Grace*

Preparação: Carlos César da Silva
Revisão: Bárbara Prince e Angélica Andrade
Projeto gráfico e diagramação: Matheus Nagao
Capa e ilustração de capa: Will Staehle
Adaptação de capa: Renata Spolidoro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Douaihy, Margot

Graça queimada / Margot Douaihy ; tradução de Flávia Souto Maior. –
São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.

336 p.

ISBN 978-85-422-2925-7

Título original: *Scorched Grace*

1. Ficção norte-americana 2. Ficção policial I. Título II. Maior, Flávia
Souto

24-4773

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável de florestas do mundo
e outras fontes controladas

2024

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

CAPÍTULO 1



O diabo não está nos detalhes. O mal prospera em pontos cegos. Na ausência, no espaço negativo, como a névoa de um truque de mágica. Os detalhes são obra de Deus, e o meu trabalho é manter esses detalhes em ordem.

Levei quatro horas e meia para lavar a roupa e limpar o vitral, e o meu corpo todo parecia destruído. Todos os tendões estavam distendidos. Até engolir doía. Então, quando minhas irmãs deslizaram até a sala para a reunião, com pastas e papéis pressionados junto a suas túnicas pretas, saí em direção à viela para uma reflexão divina — uma pausa para fumar. Era domingo, ao anoitecer.

Vício no sabá, eu sei. Não foi meu melhor momento. Mas *carpe diem*.

Uma hora para mim mesma era tudo que eu precisava. Uma aura de ameaça me provocou o dia todo. O ar estava denso e areno- so, como se quisesse brigar aos socos. O calor era pegajoso, típico de Nova Orleans, mas estava pior aquele dia. O sol, como o vermelho inchado de uma picada de mosquito. Fogo brando ocultando a violência da fervura. Eu não aguentaria outra reprimenda.

O semestre escolar tinha começado havia uma semana, e duas crianças já tinham feito reclamações sobre mim. “Ela está sempre no

nosso pé! Não consigo nem sentir as pontas dos dedos mais!”, um estudante resmungou. Outro (anônimo, devo acrescentar): “A aula de música é uma TORTURA!!!”. Minha preocupação era que a irmã Augustine — nossa diretora e Madre Superiora, resistente e segura como um nó de marinheiro — me interrogasse na frente de todo mundo durante a reunião de domingo. O que inevitavelmente levaria a irmã Honor a se armar com infrações menores em sua cruzada contra mim. As bobagens daquela mulher eram tão habilmente afiadas que eram quase sagradas. E, é claro, minhas expectativas eram altas. As mais altas. A Escola de São Sebastião era uma das poucas escolas católicas particulares que restavam, longe de ser sofisticada, mas certamente de elite. Eu fazia minhas turmas praticarem durante uma hora por dia, cinco dias por semana. Como se fossem conjuntos reais. De que outra forma aprenderiam? É preciso se comprometer todos os dias. Eu estaria fazendo um desserviço aos alunos — e a Deus — se agisse de outra forma. Sofrer é um privilégio.

A dor é prova de crescimento.

Ela significa que estamos mudando.

E todos são capazes de mudar. Até eu.

Mas isso não significa que sempre acertei. Cada vez que eu era punida, minha tarefa era limpar as enormes janelas de vitral da igreja. Eu subia em nossa escada instável e lustrava o vidro, painel por painel. Onze no total. Azul forte, coral, verde-folha e minha preferida, bordô, a cor do vinho sagrado, o vermelho-vivo de uma língua cantando durante as vésperas. Nosso vitral contava histórias do Antigo e do Novo Testamentos. Moisés, com as mãos na cintura, abrindo o mar cerúleo. Os evangelistas: Mateus como um homem alado, Marcos como um leão, Lucas como um boi voador, e João como uma águia. O retrato lento do trauma da Via-Crúcis. Anjos adoradores flutuando sobre a manjedoura durante o nascimento de

Cristo, nosso Senhor, segurando harpas luminosas como joias em suas pequenas mãos. Era tudo tão bonito que às vezes doía.

Como observar pessoas na igreja enquanto se ajoelham e rezam. Uivam e perdem o equilíbrio. Vejo-as em seu pior estado. Ouço suplicarem segundas chances a Deus, a Maria e a Jesus. A um planeta de distância de seus cônjuges ou dos filhos ao lado deles no banco. Ou tão sozinhos que já não passam de fantasmas. Estamos sempre lá, nós freiras, para guardar espaço para milagres no terror, no tédio, na violência da vida. Para absorver, observar suas mãos trêmulas, validar suas dúvidas, honrar sua dor.

Você nunca nos vê te observando. Freiras são sorrateiras assim.

Com meu pano especial, limpei a coroa de espinhos de Jesus e as pombas da paz. As vinhetas douradas me lembravam de minhas tatuagens, as quais eu era obrigada a cobrir, mesmo no calor intenso de agosto, com luvas pretas e um lenço preto no pescoço — uma das contingências da irmã Augustine.

Limpar as janelas era para ser minha penitência, e era extenuante, mas eu gostava do trabalho. Cada painel me encantava. Tinha mais drama do que o Facebook. Ou do que uma briga de bar.

Às vezes, Jack Corolla, um dos zeladores da São Sebastião, levava sua escada para ajudar. *Ajudar* era um verbo generoso. Com frequência eu tinha de descer e segurá-la, pois ele era extremamente desajeitado e tinha medo de altura. Jack gostava mais da janela de serafim, encantado com os cabelos finos do anjo, o dourado incandescente de um filamento de lâmpada. “É-é-é a maldição de um prédio antigo como este”, é como Jack explicava, com seu sotaque do sul e gagueira, todos os problemas que ele não conseguia resolver na escola. Goteiras, luzes piscando, fosse o que fosse. Jack era paranoico a respeito de chumbo na água e esporos de mofo após tempestades, convencido de que algo ruim sempre estava prestes a acontecer.

Ele me lembrava de meu irmão mais novo, Alce. Nenhum dos dois jamais admitiria ser supersticioso, mas tão certo quanto o sol se põe no oeste, ambos batiam três vezes na madeira. “Filtre duas vezes sua água, irmã!”, Jack alertava. “Uma vez só não é suficiente. Filtre duas vezes!” A preocupação beirando à importunação. Uma doce importunação. Ambos gostavam de jogar conversa fora e me acompanhar com o pretexto de estarem trabalhando. Ambos se consideravam faz-tudo, mas eram as pessoas mais mão-cansada do lugar. Mas nós nos reinventamos, não é? Continuamos tentando, porque transformação é sobrevivência, como provou Jesus, como Alce me ensinou. Meu irmão sabia melhor do que ninguém o custo de viver nossa verdade. Eu queria ter dado ouvidos a ele antes.

Durante o primeiro de inúmeros castigos dados pela irmã Augustine, descobri que, ao pressionar o rosto junto ao rosto de Maria no vitral da Natividade, era possível enxergar através de seu olho translúcido e ver Nova Orleans brilhando lá embaixo como a asa de uma mariposa. No degrau mais alto da escada, com o olho no olho de Maria, eu vi os bairros de Faubourg Delassize e Livaudais à esquerda, a rua Tchoupitoulas e a hipnótica fita do rio Mississippi à direita. A cidade era elétrica a toda hora, mas, ao amanhecer, fiquei impressionada com a potência de cores que vibravam na luz sedosa. Casas tradicionais de Nova Orleans pintadas de cor-de-rosa, amarelo e cáqui espalhavam-se pelo bairro de Garden District, longas e estreitas como trilhos de trem. Contas roxas e verdes do desfile do Mardi Gras e barba-de-velho cinza pendiam dos galhos retorcidos dos carvalhos. Vi o bonde subir e descer a Saint Charles, passageiros embarcando e saltando enquanto a campainha de metal do bonde ressoava no ar. A maioria dos tolos imagina Nova Orleans como uma porcaria e uma caricatura — a tirania da rua Bourbon e o terror verde dos *shots* de gelatina. Vomitar até as tripas na sarjeta ou dentro de

seu *étouffée* de lagostim. E, sim, revirei os olhos para essas tolices no Bairro Francês. Mas a cidade é mais complexa e assustadoramente sutil do que jamais imaginei. Mítica e verdadeira.

Tão verdadeira quanto qualquer história pode ser.

O almíscar inebriante da oliva doce e do jasmim noturno. Paralelepípedos do tamanho de Bíblias. A terrível simetria das tempestades — os olhos e bandas de chuvas de furacões. Chuvas repentinas cortando o ar. Inundações e renascimento.

Pela cidade, deparei-me com tesouros aleatórios, como visões divinas, o rosto de Santa Ana nas palmeiras. Durante minha primeira semana na Ordem, depois de pegar meu uniforme na guilda, entrei em uma loja de curiosidades poeirenta, pintada do preto aveludado de uma natureza-morta holandesa, que vendia crânios de pássaros, gravuras em marfim de baleia e bolinhas de gude. Nunca consegui encontrá-la de novo. Pelo portal de Maria, observei pavões vagarem pela rua em tons brilhantes de um flashback de LSD e invejei sua liberdade. Vi a névoa pairar como um véu branco-neon sobre o rio e a loja de esquina na rua Magazine onde a irmã Therese descobriu que era possível comprar uma barra de sabão e um frasco de poção do amor por cinco dólares. Ela nunca trouxe a poção, mas seus olhos brilhavam toda vez que a mencionava.

Às vezes, quando o desespero quieto de minha respiração se acomodava na superfície do vitral, eu queria correr para fora e me juntar aos shows espontâneos nas varandas, que surgiam a todas as horas — jazz, bebop, zydeco, funk, clássico, swing. Eu queria pegar o violão da mão de um músico e tocar. Deixar este mundo terreno por um instante e permitir que meus dedos pensassem por mim. Suor escorrendo de meu queixo.

No entanto, a Ordem me desafiou a ficar, a suavizar as farpas de meu invólucro mortal.

A Terra pode ser um paraíso ou um inferno, dependendo da perspectiva. Controle seus pensamentos, escolha em que focar, e é possível mudar a realidade.

Observando através do olho de Maria, dava para ver os quatro prédios distintos do campus da São Sebastião. Nosso convento, igreja e presbitério, onde três prédios individuais agrupam-se ao norte da rua Prytania. Nossa escola, com suas três alas — leste, central e oeste, dispostas como uma ferradura quadrada — ficava do outro lado da rua, em direção ao sul. Um pátio gramado injetava cor e vida no centro do U da escola, entre as alas leste e oeste. Alunos deitavam-se como sombras na grama sob velhas palmeiras, ou sentavam-se em longos bancos de granito, fofocando, ficando à toa, fazendo de tudo, exceto a lição de casa. Uma profusão de flores coloria o pátio o ano todo. Mesmo à noite, seus botões e orbes dançavam com seu próprio fogo.

Não que eu ficasse lá fora farreando depois de escurecer. Sem carros, as irmãs tinham de caminhar para todo lado. Na chuva torrencial, caminhávamos. No sol escaldante, caminhávamos. Em meio a ventanias violentas, caminhávamos.

Não tínhamos computadores no convento. Nem câmeras. Não tínhamos telefones, exceto uma relíquia verde de discar com fio na parede da cozinha. Não tínhamos dinheiro próprio. Nosso rádio era um modelo vintage com um sintonizador que funcionava, presente do padre Reese. Fazíamos permuta por itens como livros, café de chicória, alcaçuz vermelho e Doritos (culpa da irmã Therese). Cultivávamos dezessete variedades de frutas, legumes e ervas na horta, entre a igreja e o convento. Nenhum aluno tinha permissão para entrar em nossa horta, mas uma ou duas vezes eu notei Ryan Brown mastigando figos e tangerinas que pareciam um tanto quanto familiares. Nossos ovos eram de nossas próprias galinhas: Hennifer Peck e Frankie. Quando tínhamos missas especiais ou arrecadações de

fundos pós-tempestades, íamos de casa em casa em nosso distrito. Foi assim que conheci alguns vizinhos, vagando e me perguntando o que achariam de uma freira como eu — dente de ouro devido a uma briga de bar, lenço e luvas pretos para esconder minhas tatuagens, as raízes pretas aparecendo sob os cabelos mal descoloridos.

Deus nunca me julgou de maneira tão dura como julgo a mim mesma.

Se você falasse com alguém do jeito que fala consigo mesma, Alce dizia, seria abuso.

Felizmente, não havia muito tempo para deixar minha mente divagar. Quando eu não estava na missa, ensinando violão, corrigindo lições de casa sem brilho ou ensaiando com o coral, estava limpando, passando o esfregão no piso de madeira de nosso convento, carregando lustra-móveis e água quente em um balde de metal, tentando não derramar bolhas pelas laterais. Usava meu avental branco quando esfregava, como a irmã Augustine havia me instruído. Dessa forma, teríamos um registro da sujeira, de nosso trabalho, de quanto havíamos nos dedicado. Tínhamos de manter os ambientes limpos. Uma *umidade* traiçoeira penetrava em todos os edifícios, corroendo estruturas adoradas de dentro para fora, como mentiras. Todos os nossos prédios estavam se afogando em mofo. Era limpar um canto com água sanitária e notar o mofo surgindo em uma nova parede no dia seguinte. Erupções pretas como piche.

Toda quarta-feira antes do amanhecer eu andava na ponta dos pés pelo convento, de chinelos, com um aspirador para remover as teias de aranha góticas dos cantos mais altos. Nós nunca matávamos nenhum tipo de criatura, apreciando a energia sagrada de todos os seres vivos, mesmo coisas do inferno sem rosto. Usando um copo e jornal, eu levava centopeias, baratas, aranhas e mariposas gigantes para fora, para o jardim, e as colocava com cuidado sob a laranjeira.

As vespas zumbiam e se batiam nas laterais do copo. Algumas aranhas eram grandes o bastante para eu notar seus muitos olhos, brilhando como buracos negros iridescentes.

Libertar insetos, salvar almas — fazíamos tudo isso. O serviço sagrado significava ação. Era um ideal mais fácil na teoria do que na prática. Esperava-se que até os estudantes ajudassem. Naquele domingo, durante minha maratona suada de limpeza, ouvi a badalada alta do sino do altar. Eram Jamie LaRose e Lamont Fournet saindo da sacristia, com os braços cheios de objetos de metal que refletiam feixes de cor desde os prismas das janelas.

— Olá, irmã Holiday! — A voz de Lamont era envolvente como um abraço de urso quando ela gritou de baixo. Eles estavam guardando objetos litúrgicos da missa. — Desculpe incomodá-la!

Fiquei pensando nas pessoas que pediam desculpas sem motivo, como se estivessem pedindo favores para uma infração futura. Mas Lamont e Jamie, ambos com dezessete anos, no último ano da São Sebastião, eram os mais confiáveis de nossos acólitos. Nunca se atrasavam para o ensaio do coral. Nunca derrubavam o incensário ou respondiam para o padre Reese. Lamont tinha mais de um metro e oitenta e falava alto sobre sua família crioula*, divindades coroadas no carro alegórico do Krewe du Vieux. Jamie era o mais quieto dos dois, e robusto, corpulento como um cofre de banco. Sempre olhando para baixo e arrastando os pés. Havia um peso inegável em Jamie, ele sorria apenas com os dentes, nunca com os olhos, como se o garoto mantivesse sua alma trancada bem no fundo. Ele era de uma linhagem cajun, franco-canadenses que migraram para o Golfo em sei lá que século. A franqueza infalível dos garotos, suas camisas para

* Na Luisiana, nos Estados Unidos, o termo “crioulo” se designa ao habitante cujo idioma oficial ou dominante é o francês. (N.E.)

dentro da calça e desejo de me contar tudo sobre suas jovens vidas, eram revigorantes — até mesmo irritantes — no mar de sarcasmo e sordidez dos adolescentes.

Depois que Jamie e Lamont deixaram a igreja aquele domingo, terminei de limpar no calor repugnante e tranquei tudo. Conferi que o pátio e a rua estavam mesmo vazios, evitei a procissão para o iminente show de horrores de uma reunião e fugi para o meu beco. Eu o chamava de meu porque eu era a única idiota que encarava o clamor do teatro e o cheiro podre da lixeira. Era o meu segredo.

Todo mundo tem segredos, principalmente freiras.

Como um bom mistério, o beco era ao mesmo tempo escondido e óbvio. Era possível passar por ele e nunca o ver. Uma lacuna deliberada. Meu fumódromo secreto. E, aquele dia, meu assento na primeira fileira para o crime que mudaria tudo, o primeiro abalo da turbulência.

Eu não tinha dinheiro para cigarros, é claro, mas fumar o que eu confiscava de meus alunos era justo. Os alunos não podiam fumar na São Sebastião — era meu dever intervir. E a irmã Honor diz que desperdício é pecado. Portanto, lá estava eu nos degraus do beco em pleno domingo à noite, cuidando da minha vida, assando no calor delirante que nunca cessava, nem mesmo ao anoitecer. O violão de Django Reinhardt vazava de um carro em alguma parte da Prytania. Música era o tecido conjuntivo de Nova Orleans — presente quando se precisava, como uma oração. Tanto a oração como a música eram sagradas, e salvaram meu triste ser mais vezes do que pude contar.

Eu, uma verdadeira crente, apesar da aparência.

Foi por isso que a irmã Augustine me recebeu positivamente na Escola de São Sebastião no ano passado. Ela viu meu potencial. Foi a única que me deu uma chance quando ninguém mais daria, nem a creche onde empregavam seguranças rudes demais para

centros de detenção, ou as lojas de conserto de carros onde todos usavam metanfetamina, ou as agências de seguros em Bensonhurst. Eu estava disposta a trabalhar à noite e aos fins de semana, cacete, e tinha as qualidades de uma excelente investigadora: em partes iguais, foco metódico e impulsividade, com a paciência de um caçador e um apetite por *femmes fatales*. Ainda assim disseram não. Mas não a irmã Augustine. Ela me convidou a vir para Nova Orleans, para entrar na Ordem, com algumas condições.

Éramos em apenas quatro: a irmã Augustine (nossa devota Madre Superiora), a irmã Therese (uma ex-hippie com cara de santa que alimentava gatos de rua), a irmã Honor (uma desmancha-prazeres eterna que me detestava), e eu, a irmã Holiday, servindo a verdade impossível da piedade queer. Tão diferentes umas das outras quanto o livro de Levítico era do Cântico dos Cânticos e do livro de Judite. Como uma Ordem, no entanto, como as Irmãs do Sangue Sublime, dávamos certo. Pelo amor de Deus — o único amor real — e pelo amor das crianças de nossa cidade. Nosso lema, *Compartilhar a luz em um mundo escuro*, está gravado na placa na porta do convento.

Éramos uma Ordem progressista, mas ainda assim Irmãs Católicas, com regras a seguir ou, em meu caso, a testar. Todas as quatro focadas, trabalhando diligentemente na escola, na igreja, na prisão e em nosso convento. Nossos quartos eram modestos. Nosso banheiro do convento era espartano e cavernoso, com um ar bolorento e sepulcral. Sem espelhos em lugar nenhum. Sem secadores de cabelo. As cabines com os chuveiros tinham cortinas de plástico baratas. Quando eu desligava a mente um pouco no chuveiro, nunca por muito tempo (a irmã Therese cronometrava o banho para economizar água), via gotas formarem pequenas estalactites no teto. As áreas comuns do convento eram decoradas com a mesma austeridade que os túmulos sagrados, e eram frias como eles, uma bênção no calor sufocante e insistente.

Até mesmo meu beco sombreado estava escaldante. Eu estava com as malditas luvas e o lenço aquele domingo, como exigia a irmã Augustine, e parecia que eles tinham se fundido com minha pele. Ainda era um momento a sós glorioso, antes que a reunião terminasse, antes que eu entrasse no convento para jantar, com dois cigarros recolhidos na sexta-feira à tarde, tirados de trás das orelhas pontudas de Ryan Brown.

— Poxa, irmã, de novo? — Ryan Brown, aluno do segundo ano da São Sebastião, o rei da auto-humilhação, resmungou depois que peguei seus cigarros. — Qual é? — Ele jogou as mãos para o ar como uma criança birrenta. De todos os meus alunos, ele não tinha um pingão de malandragem. Meu suprimento contrabandeado passava por esse garoto curioso. A maioria dos estudantes fugia no instante em que eu entrava em uma sala, enquanto Ryan Brown permanecia. Suas flagrantes violações de nossas regras referentes ao tabaco faziam com que parecesse que ele estava tentando ser pego. Ou ele era ruim em ser mau. Diferentemente de mim.

Ergui os cigarros.

— Ficar mostrando seus cigarros te transforma em um cara durão?

— Mas eu...

— Aprenda a lutar pelo que você quer — interrompi Ryan. Não havia tempo para desculpas. — Ou aprenda a esconder melhor. Senão você perde tudo.

Minha sabedoria tinha uma certa graça, devo admitir.

Eu oferecia aos meus alunos a única coisa que importava na vida — honestidade — e o fazia da mesma forma como se serve vingança: friamente. Eu era uma fodida no que dizia respeito a muitas coisas, mas, quando se tratava de comprometimento, eu me envolvia totalmente, como uma píton comendo uma cabra, tendões e cascos e esqueleto e tudo. Como minhas irmãs, eu fazia tudo o que podia

para elevar cada aluno, para ajudá-los a carregar a luz nas próprias mãos, em vez de segurar para eles. Às vezes isso significava chamar atenção por sua preguiça ou torpeza. E eu sabia como identificar malícia porque vivi isso. Para domar um cavalo ou um humano, é preciso primeiro entender a selvageria.

O fim de semana todo eu havia esperado pelo momento perfeito de saborear os cigarros, e ele finalmente tinha chegado naquele domingo. Eu estava suando por todas as camadas de meu uniforme, mas precisava de mais tempo do lado de fora. Sem um minuto para mim mesma eu surtaria com a irmã Honor. Meu pavio ainda era perigosamente curto, e a irmã Honor sabia como me irritar.

Peguei um dos cigarros roubados que mantinha escondidos no estojo de meu violão. Passei-o sob o nariz, cheirei-o, e o acendi com o último fósforo da caixa. Uma nuvem de mosquitos se dispersou com a mesma rapidez com que se formou, não como o pôr do sol, que permanecia do dourado surrado de um relógio de bolso, que parecia desacelerar o tempo. O crepúsculo era a junção entre o dia e a noite. Marés transparentes de calor me empurravam e puxavam. Minha pele se enrugava sob as luvas. Dizem que quem sobrevive em Nova York sobrevive em qualquer lugar. Mas Nova Orleans é o cadinho. Lar de milagres e maldições — nem vida nem morte, mas ambos. Em um espaço tão escasso, como parar diante de uma porta, é possível estar dentro ou fora, condenado ou salvo.

O suor escorria por minhas costas. Fiquei surpresa por estar tão silencioso lá fora, no beco cheio de traças, sem nenhum espetáculo ao vivo ou ensaio no velho teatro. COLOCANDO O DIABO DE VOLTA EM UM DIA BONITO, prometia o pôster. Como se o diabo fosse deixar alguém lhe dizer para onde ir. O teatro, como tantos grandes espaços na cidade, fora devastado pelas tempestades que ficavam mais fortes a cada ano. A tinta da porta da frente descascava em grandes rolos

de mogno. A caminho da ruína, ainda delicioso. Mais opulento do que o maldito Palácio de Buckingham.

Acabados os fósforos, tive de fumar meu contrabando um atrás do outro, acendendo cada cigarro no anterior. Um tabaco luxuoso — provavelmente importado. Nossos alunos mais ricos eram filhos da puta — me desculpe, Senhor, é verdade —, mas os cigarros deles eram superiores ao lixo que eu fumava quando morava no Brooklyn, em minha antiga vida, onde meus dedos sangravam pelo dinheiro do aluguel, por gorjetas, por meu próximo uísque.

Uma lua crescente flutuava como uma garra. Sapos coaxavam na privacidade de seu disfarce noturno. Um coro estridente, o da noite. Ainda mais assustador no vapor tropical e fumaça âmbar dos postes de luz. Flores carnudas de magnólia tinham veias rosadas brilhantes, pequenos corações pulsando dentro de cada pétala. Dei outra tragada, deixei penetrar.

De repente, senti a bile no fundo de minha garganta. Meu olhos lacrimejaram quando uma onda de calor extra me atingiu.

Então, uma mancha vermelha e laranja. O céu noturno explodiu. Levei um segundo para compreender o que estava vendo.

Fogo.

A escola. Minha escola em chamas. A ala leste da São Sebastião estava queimando.

Chamas lívidas atravessavam uma janela aberta.

Em alguns segundos, o terror surgiu. É essa a sensação — o mais rápido momento mais lento. Algo tão inesperado distorce o tempo, com uma clareza e indistinção miseráveis. Como um acidente de carro. Os menores detalhes ao mesmo tempo aumentados e obscurecidos.

Um corpo em chamas caiu do segundo andar da ala que queimava e bateu no chão como um punho cruel.

— Meu Deus. — Joguei o cigarro e corri do beco até a Primeira Avenida, até a pessoa na grama. — Socorro! — gritei, mas não tinha ninguém por perto. Sem fôlego, voz falha.

Jack. Era meu confidente da limpeza, morto.

— Jack! — Ajoelhei ao seu lado. — Ai, meu Deus.

Ele não piscava ou se contraía, apenas ardia sob minhas palmas. Uma linha fina de sangue escorria de sua narina direita, tão delicada, como se tivesse sido pintada com cuidado por um pincel fino.

Jack carbonizando na grama, os membros abertos — a devastadora coreografia de uma barata pisada. Sua pele queimada tinha um cheiro ácido e terrivelmente doce.

Será que ele havia caído de uma janela aberta tentando fugir da fumaça?

Será que tinha sido empurrado?

Senhor, abrace Jack com força.

As portas eram sempre trancadas depois da reunião dos funcionários, que tinha acabado mais de uma hora antes, a reunião a que faltei.

Socorro.

Pensei ter ouvido um grito do lado de dentro. Tinha de chegar se o prédio estava vazio. A maçaneta da porta ainda não estava quente, então coloquei o lenço curto sobre a boca como uma ladra e destranquei a porta. Explodiu fumaça em mim.

— Ei! — Corri pelo corredor, gritando, tossindo. Uma força peculiar me levava em frente. — Tem alguém aqui?

Nuvens de fumaça rastejavam lateralmente pelo teto. Espirais cinzentas pingavam por frestas nas paredes, silenciosas como a respiração.

O alarme de incêndio estava duro. Lascas de tinta vermelha se soltaram quando puxei a alavanca. Xinguei-a, como se isso fosse ajudar.

Ela finalmente se moveu para baixo, fazendo soar um alarme estridente que sacudiria os mortos. Porém os sprinklers não foram ativados.

— Tem alguém aqui? — Minha garganta doía com a secura do ar.

— Socorro! — gritou alguém ao longe. Parecia ao mesmo tempo bem distante e bem diante de meu rosto, mas eu mal conseguia enxergar. — Precisamos de ajuda! — Era uma voz familiar, mas eu estava tão em pânico que não consegui identificar, como uma música acelerada.

Senti cheiro de lixo em combustão quando a fumaça me atingiu. Como no Brooklyn, na noite da combustão. Na noite em que minha antiga vida terminou.

Nada estava no lugar certo. Não era para ninguém estar lá dentro.

— Continue falando! Eu vou te encontrar.

O ar estava denso como cimento, mas eu vi movimento — alguém no fim do corredor.

— Ei! — falei num engasgo ao correr na direção da pessoa, escorregando numa poça pontiaguda de cacos de vidro. — Ei.

A sombra se alongou e então desapareceu em um instante com as linhas assertivas e contínuas de um peixe em movimento. Um espírito abençoado. Havia esperado a vida toda para ver o Espírito Santo, e tinha de ser ali? Se momentos importunos fossem uma religião, eu seria o papa.

Os gritos se amplificaram atrás de mim. Eu me virei, tentando acompanhar as vozes. A porta da antiga sala de aula de religião estava aberta e, dentro dela, encolhidos no chão, estavam Jamie e Lamont. Por que estavam ali? O que tinham visto? O que tinham feito?

Corri até eles.

— Ele se cortou! — Lamont apontou para a coxa de Jamie, da qual escorria sangue. — Meu tornozelo está quebrado ou algo do tipo.

Os dois garotos estavam sentados lado a lado sob a lousa.

Pareciam alunos do jardim da infância se preparando para a hora da história, exceto pela fornalha de fogo e fumaça, e pelo sangue escorrendo da perna de Jamie. Um caco de vidro do tamanho de uma mão aberta saía da coxa dele. O painel estilhaçado pelo qual patinei no corredor. Ele se contorceu enquanto segurava a parte externa da perna esquerda. Seus olhos azuis se enfureceram enquanto uivava.

— Vou levar vocês para fora. — Eu ajoelhei. — Lamont, coloque o braço ao meu redor. Jamie, você em seguida. Vocês viram Jack aqui em cima?

Nenhum dos dois respondeu, paralisados com o choque. Ou seria culpa?

Tentei carregar os dois, mas mal consegui levantar um centímetro antes que nós três caíssemos de novo com um baque horrível.

Jamie rugiu. O vidro em sua coxa devia ter entrado ainda mais.

Se eu tentasse carregá-los novamente, poderia ser pior.

O funcionamento do corpo era tão misterioso para mim quanto o da mente, mas até eu sabia que teria de estabilizar a perna de Jamie.

— Um, dois — contei, e no três, usando minha luva para tração, arranquei o vidro ensanguentado de sua perna. Pedacos do garoto permaneceram no vidro, e em minhas luvas. Ele gritava como se estivesse sendo cortado vivo por um açougueiro.

Lamont ficou sentado, indefeso, tentando confortar Jamie, que rangia os dentes, enquanto o sangue escorria pelos dois lados de sua coxa carnuda.

Ave Maria.

Nada nos prepara para o vermelho cruel e úmido de uma ferida aberta. Uma segunda boca. Demoníaca.

Rezei, tentei canalizar Alce.

Rezar é esquizofrênico, Alce dizia para irritar minha mãe e eu. *Você não está falando com ninguém*. Implorei para ele não entrar para

o exército da mesma forma como ele suplicou que eu não entrasse para a Ordem. Como se isso fizesse algum bem. Psicologia reversa era uma prática familiar. Entrei para o convento e Alce se inscreveu para o treinamento médico de combate naquele mesmo dia. Trocamos vidas antigas por vidas novas como se fosse uma coisa simples ou boba, mais fácil do que fazer uma moeda desaparecer. Técnica teatral. Quem pensaria que os Walsh queer se tornariam uma freira e um soldado? Mas que caralho de *tã-dã*, hein?

Tirei o lenço do pescoço — o fino tecido que a irmã Augustine me fazia usar — e o amarrei forte ao redor da coxa de Jamie. Um rápido torniquete.

— Eu queria poder carregar vocês dois, mas vou levar Jamie primeiro. Ele perdeu muito sangue.

— Não me deixe aqui! — gritou Lamont. Seus olhos castanhos estavam vermelhos, emanando medo.

Apertei o torniquete de Jamie, coloquei seu braço esquerdo ao redor dos meus ombros e o levantei pela cintura.

— Para cima! — Feito um casal embriagado em uma lua de mel barata, mancamos como um só ser. Jamie era mais alto do que eu, músculos sólidos, mas eu o ergui o suficiente para andar.

— Eu vou voltar, Lamont. Juro por Deus.

A adrenalina corria por minhas veias, como as drogas que eu costumava cheirar, como a explosão da força divina nas parábolas que passei a amar.

Salve, Rainha, mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salve! Meu terceiro olho.

Continuamos mancando pelo corredor. Lamont chorava no chão, arrastava-se como uma foca atrás de nós, gritando por mim, por Deus. Escorria sangue de Jamie, superando rapidamente minha tentativa de merda de fazer um torniquete. Teria sido incrível se o

Espírito Santo fizesse um milagre bem ali e naquele momento, mas não podíamos esperar pela intervenção divina.

— Porra. — Uma brasa ardente pegou no meu olho esquerdo como uma baioneta atingindo minha córnea. A terrível precisão do que não pode ser controlado.

Cambaleamos até a escadaria. Momentaneamente abrigados da fumaça, uma pequena prece atendida. Foi onde eu vi a escada e a caixa de ferramentas de Jack. Os zeladores faziam a maior parte da limpeza e dos consertos à noite, mas em um domingo?

Será que *Jack* causou o incêndio? Os meninos? Nada disso fazia sentido.

Porém nunca faz. Pela segunda vez, eu encarava a Morte nos olhos. Sei que ela está mirando em mim. Em todos nós. Se eu puder continuar escapando dela, é o que farei.

Os olhos de Jamie estavam abertos, mas seu olhar era vazio, resignado como o de alguém que desistiu. Dei um tapa forte no rosto dele.

— Foco — mandei, ainda que minha mente estivesse a mil em dez direções diferentes. Pensei *estamos ferrados! e vamos conseguir!* ao mesmo tempo, e eu precisava saber o que os garotos sabiam. Furei minha língua com o dente de ouro, com força suficiente para tirar sangue. Era um tique nervoso, mas me centrava, um pacto secreto, invisível a todos, menos a mim e a Deus; isso me ajudou a seguir adiante.

Quando chegamos ao térreo, um outro alarme soou. As altas e pesadas portas de emergência da São Sebastião começaram a se fechar lentamente.

As portas automáticas estavam nos trancando para dentro.

— Nós vamos sair daqui. — Eu me surpreendi com o golpe de energia que a palavra *nós* transmitiu.

Chutei a porta principal um segundo antes de as portas magnéticas de incêndio lacrarem a ala leste.

Espírito Santo, não nos abandone.

Eu resmunguei enquanto cambaleávamos para fora, onde choviam papéis da escola e cinzas. O corpo de Jack Corolla estava perfeitamente rígido perto da entrada da ala leste. Uma casca, agora vazia, que uma vez contivera tudo o que fazia Jack ser *Jack* — aquilo de falar com a boca cheia, a risada de morsa, a energia nervosa. O espírito de Jack desapareceu.

Jamie, quase inconsciente, murmurou:

— Isso é... um corpo?

O som de sirenes de polícia, ambulâncias e caminhões de bombeiro me sacudiu. Um caminhão de bombeiro desacelerou, depois parou na nossa frente enquanto vacilávamos. Bombeiros saltaram, desenrolaram suas mangueiras laranja e correram para a escola em chamas.

Jamie desabou no chão, olhos fechados, boca aberta como se estivesse em um sono profundo. Os paramédicos se apressaram. Ver aquele garoto mutilado e ensanguentado em mãos capazes foi um alívio quase insuportável. *Obrigada, Senhor.*

— Tem outro aluno lá dentro! — gritei com a língua que mais parecia uma lixa. — Lamont. Ele está ferido.

— Onde? — perguntou um paramédico.

— No segundo andar, na parte que dá para a rua. Jack caiu da janela. — Eu me virei e apontei para o corpo de Jack na grama. Minha mão, quando a levantei, parecia mármore esculpido.

Uma mulher com um distintivo apareceu e ajudou a me estabilizar quando comecei a cair. Por uma fração de segundo, caímos juntas. Mas ela cravou as pernas, endireitou as costas e flexionou os braços para nos manter em pé.

— Que noite de domingo tranquila, não é? — disse a mulher com um sorriso que era mais alto de um lado, como um navio emborcado.

— Eu preciso... — Engasguei. — ... lá dentro. — Eu não conseguia

juntar as palavras.

Ela segurou meu bíceps com força.

— Não. Nós assumimos a partir de agora. Você ficará menos morta aqui fora, comigo.

A identificação da mulher estava presa ao bolso esquerdo da blusa amassada — Investigadora de Incêndios Magnolia Riveaux, Departamento de Bombeiros de Nova Orleans.

— Continue respirando. Eu sou a Maggie. — Iluminado pelos faróis da ambulância, o rosto dela brilhava com suor. — Você está ferida? — perguntou, já sabendo a resposta.

— Cinzas no olho.

— Vamos lavar isso. — Ela me levou na direção de uma ambulância que tinha estacionado no pátio. Os paramédicos estavam criando uma área de preparação.

— Você viu a queda? — perguntou ela. — Foi isso que ouvi?

— Jack Corolla. — Tossi, e, quando juntei os lábios, dei-me conta de que estavam rachados pelo calor. — Não sei se ele pulou, foi empurrado para fora ou o quê. Jack é nosso zelador.

Ela ergueu o radinho, encostou os lábios na superfície perfurada do microfone.

— 217 para Central.

— Prossiga, 217 — respondeu a voz no rádio.

— Tenho uma testemunha. — A investigadora Riveaux olhou em meus olhos. — Qual é o seu nome?

Abri a boca para falar, mas não saíram mais palavras. Era irritante ser silenciada por meu próprio corpo.

— Os pulmões devem estar prejudicados aqui — ela disse à pessoa invisível no rádio.

O ar noturno era estimulante e nauseante, como um gole de água de um pântano. Esse era o gosto pantanoso em minha língua

quando desmaiei. Meu corpo se transformou em uma gosma e eu escorreguei das mãos dela.

...

Quando acordei, fiquei surpresa em sentir a elevação de uma maca. O copo plástico de um aparelho cobria minha boca. O oxigênio era suave e glorioso, respirava por mim.

Quanto tempo tinha ficado apagada? Onde estavam Jamie e Lamont? Cada segundo continha camadas complexas — imbricadas como guelras. Gritos, choro, alívio, oração, medo. Minhas calças de poliéster pretas, meu uniforme, cauterizadas em minha pele. As luvas havia muito perdidas.

De alguma forma, meu colar de ouro não tinha quebrado, a cruz ainda pesava contra meu peito. A camisa, rasgada e solta sobre o ombro, escorregara, revelando minhas tatuagens. Elas se estendiam por meu pescoço, acima do maxilar, até a base do crânio. Os botões deviam ter estourado quando carreguei Jamie. Os olhos de Riveaux se estreitaram enquanto ela analisava minha pele exposta, seguia minhas tatuagens. *ALMA* e *RUIM* estavam tatuados em meus dedos. Em meu pescoço estava Eva segurando sua maçã. O palíndromo *ORO* estava desenhado em cursiva verde e dourada brilhante, opulência nefasta, como a cobra no jardim do Éden em meu peito. Foi minha tatuagem mais dolorida. Uma lembrança do preço do egoísmo, do que está em jogo quando alguém só pensa em si mesmo, independentemente do quanto seja bom. Era também minha preferida, porque dava para ler no espelho. Não que tivéssemos espelhos no convento. Riveaux balbuciou a palavra *oro* — ela estava me lendo, ou tentando.

Eu me cobri com o duro cobertor azul que o paramédico havia me dado.

— Que bela grade. — Ela apontou para o meu dente encapado de ouro com o dedo magro.

Mostrei os dentes como um cachorro. Levantar os lábios era exaustivo.

— 217 para Central. — A investigadora levou o receptor à boca novamente. Anunciou: — Incêndio criminoso. Sem dúvida.

Incêndio criminoso. Como ela havia descoberto com tanta rapidez? Qual fora o indicativo?

Riveaux perscrutou meu olho bom.

— Qual é o seu nome mesmo?

— Holiday Walsh. Quer dizer, irmã Holiday.

— *Irmã?* — Ela ficou surpresa. — Achei que você fosse a moça da cantina da escola que ouve *death metal* mórbido.

— Eu me sinto mesmo mórbida. Os meninos estão bem?

— Estão com ferimentos graves — revelou Riveaux —, mas vão ficar bem. Assim que estiverem estáveis no hospital, vou fazer o interrogatório pegar fogo. — Seus trocadilhos eram excelentes apenas em suas taxas de erros consistentes, mas ela parecia satisfeita consigo mesma. Os olhos de Riveaux brilhavam em roxo e madeira, a luz taciturna de uma tempestade solar.

Morrendo de calor, eu precisava sentir o chão frio sob mim. Quando Riveaux foi chamada pelo capitão dos bombeiros, tirei a máscara, desci da maca e engatinhei até um pedaço de grama. Na minha frente havia papéis espalhados e provas e uma pequena cruz de madeira. Uma parte da cruz estava queimada, destruída até o toco. Parecia que podia ser carregada com facilidade, como uma arma. Eu quis segurá-la perto de mim. Estendi a mão para pegá-la, mas um paramédico me levantou, colocando as mãos fortes sob minhas axilas.

De volta à maca.

Riveaux e um paramédico me observavam enquanto eu estava deitada na ambulância. A máscara de oxigênio foi colocada de volta sobre meu nariz e boca. Eles estavam me monitorando atentamente. Engasguei tentando recuperar o fôlego, afogando-me em meu próprio corpo.

Com a adrenalina queimada, eu a senti, a batalha — anjos, demônios. Vi a Morte e sobrevivi às chamas pela segunda vez. Não é preciso ler a Bíblia para saber como os elementos nos atortentam e sustentam. Fogo, raiva, água, redenção. Que reviravolta havia provocado aquilo, o incêndio criminoso? Eu descobriria, mais cedo ou mais tarde, ou morreria tentando. Investigação e teimosia eram meus dons provindos de Deus, ferramentas que Elu sabia que eu poderia usar. Sim, minha divindade atende por Elu, com poder demais para uma pessoa ou um gênero ou qualquer categoria que meros mortais jamais poderão compreender. Aquele dia, Deus e o Espírito Santo abriram a porta, e eu corri para as chamas para ajudar os garotos. Estávamos no fogo, dentro de sua pegada vermelho-púrpura, as paredes rítmicas de um órgão batendo. Mas era igualmente óbvio, deitada naquela maca, meio cegada, meio viva, que nenhuma pessoa ou santidade ou salmo me salvaria. Eu mesma teria de fazer isso.